

Da minha biblioteca

A Devota e a Devassa,
uma novela de Fernando Pessanha

Adriana Nogueira

Classicista

Professora da Univ. do Algarve

adriana.nogueira.cultura.sul@gmail.com

Há um ano e meio escrevi neste jornal sobre *Hotel Anaidaug*, narrativa fantástica de Fernando Pessanha, que brevemente (assim o espero) poderemos ver em filme. Hoje, este prolífero autor proporcionou-me a oportunidade de escrever sobre a sua mais recente novela, *A Devota e a Devassa*, da qual já tive o privilégio de redigir o prefácio.

O título

O título do livro equilibra-se na escolha dos adjetivos (aqui, podendo, até, ser encarados como substantivos) que o compõem, «devota» e «devassa», que partilham, além do mesmo número de sílabas, as primeiras 3 letras (dev-). Há um certo humor associado a este balancear, a este hesitar entre duas características tão diferentes (mesmo antagónicas, poder-se-ia dizer), como se emendasse, a meio da palavra, um *lapsus calami* (não resisti a usar esta expressão latina, que significa, literalmente, «erro da caneta», logo, «erro de escrita»), indiciando, assim, o tom jocoso da novela. O facto de ambos virem precedidos pelo determinante artigo definido «a» («a devota», «a devassa»), em vez de ligados apenas pela conjunção copulativa «e» («devota e devassa»), pode levar-nos a pensar que se referem a pessoas diferentes. Além disso, a moralidade dos nossos tempos fez com que estes dois termos entrassem quase em



O historiador e escritor Fernando Pessanha# ||

desuso, o que nos dá uma indicação sobre a época em que a história se passará: um tempo no qual estes qualificativos teriam ainda usança.

A linguagem e a época

«D. António Correia de Vascelos, figura pomposa da sociedade lusa da centúria de setecentos, tinha-se mudado há três anos para o palacete da família, restaurado após o terramoto de 1755 e situado nas proximidades do sofisticado centro da cidade. Para tal, em muito tinha contribuído o marasmo cultural imposto pela entediante vida no campo. O distinto cavalheiro, morgado descendente de nobres linhagens, era possuidor de uma invejável herança, alicerçada por uma política de relações endogâmicas que se encarregou de transformá-lo no exclusivo proprietário de um abastado património.»

Assim começa a narrativa, apresentando a personagem à volta da qual se tece a teia de relações das restantes personagens e situando, de imediato, o leitor na época retratada: Lisboa, segunda metade do séc. XVIII (pós-terramoto).

Fernando Pessanha é historiador e o conhecimento que tem nesta área do saber revela-se no cuidado com que o põe ao serviço da construção da narrativa, não só relativamente a momentos da nossa história, mas também à linguagem então usada. Só neste pequeno excerto, podemos ver a tonalidade que pretendeu dar ao texto, através do vocabulário escolhido para descrever D. António. E começando pela primeira palavra: o uso do título «Dom» (abreviado, como é costume) remete, de imediato, para um contexto de nobreza. D. António é um morgado (um «vínculo dado

a certos bens que deveriam ser transmitidos ao primogénito sem que este os pudesse vender», como nos diz o dicionário Houaiss, que foi abolido na segunda metade do séc. XIX), um fidalgo rico («descendente de nobres linhagens» e de «invejável herança»).

Ao colocar o adjetivo antes do nome (e dando apenas exemplos do excerto citado: «sofisticado centro», «entediante vida», «distinto cavalheiro», «nobres linhagens», «invejável herança», «exclusivo proprietário», «abastado património»), consegue dar ênfase e tornar a linguagem mais pomposa, fazendo, assim, par com a personagem descrita. Este modo de adjetivar é o usado preferencialmente ao longo da novela, exagerando o ridículo ou o trágico (que se torna, por isso, ridículo) das situações:

«E, então, lágrimas de inenarrável tristeza brotavam dos seus olhos, escorrendo-lhe pelas delicadas faces piedosas. O fidalgo, entediado, via naquele pranto um recurso frequente nas mulheres frágeis, incapazes de aceitar as mais óbvias verdades. Ainda assim, pronto se apercebia das alturas em que transpunha os limites e não ousava levar mais longe as suas provocações.» (p.26).

A História

Cada personagem é um bom recurso para a crítica à sociedade daquela época e às suas instituições, nomeadamente a Igreja. A devoção de D. Amelinha, que se escusa a cumprir os seus deveres conjugais em nome de uma dedicação à oração, dentro e fora de portas, permite as mais duras críticas do seu marido ao comportamen-

to nada abonatório dos representantes do clero: «Pois não há nada mais duvidoso do que o paleio dos malandros dos padres; é com manhas e falinhas mansas que seduzem as mulheres e as jovencinhas, e é sempre em nome do altíssimo que as ludibriam e as desonram. Já para não falar dos meninos do coro...» (p.25).

D. Nuno de Mascarenhas, amigo de D. António, é o aventureiro com quem percorremos episódios (alguns bem caricatos) da nossa história e que, ao mesmo tempo, nos mostram a falta de princípios de muitos dos nossos nobres: «Durante algum tempo frequentou a alcova da célebre Ana Jacques Mondtegui, uma dama natural de Damão, tão famosa pela rara beleza como pelos amantes que colecionava. Todavia, a desconfinança do marido da senhora,

o sargento-mor do corpo de sipais da infantaria de Bardez, fê-lo fugir para Macau, onde se dedicou ao contrabando de especiarias, sedas, porcelanas, sândalo e outros produtos. Ainda assim, foi o rentável tráfico de ópio, entre Bengala e a China, que acabou por denunciá-lo. Perseguido pelas autoridades, foi interceptado em Dili, no decurso da designada “Guerra dos Doidos”, a célebre revolta comandada por um feiticeiro que se pretendia invulnerável perante as armas portuguesas. Curiosamente foi apanhado *in flagrante delicto*, no decurso de um assalto a uma igreja em que se fazia acompanhar pelos indígenas revoltosos, a fim de roubarem alfaia religiosas.» (p.32).

Tenho a certeza que esta leitura vai agradar ao leitor que gosta de aprender enquanto passa por momentos de boa disposição.

AGENDAR



“BIGODES DE ALFAZEMA”

Até 3 OUT | Posto Municipal de Exposições de Lagos

Exposição de artesanato directamente relacionado com o tema a partir de tecidos onde as figuras de gatos estão sempre presentes e associadas ao perfume de alfazema



“MÁRIO LAGINHA TRIO”

11 SET | 21.30 | Auditório Municipal de Olhão

No trio que mantém com o contrabaixista Bernardo Moreira e baterista Alexandre Frazão, Mário Laginha mantém o gosto pela mistura, pela diversidade musical e pelo risco